

**SER ALUNO:
PORQUE E PARA QUE SE APRENDE?**

Carlos Manuel de Sousa Albuquerque *

José António Pereira da Costa **

Vera Lúcia Fernandes Almeida ***

“Sabem o suficiente aqueles que sabem como aprender”

Henry Brooks Adams

1 - INTRODUÇÃO

Numerosos são os estudos, desenvolvidos especificamente no âmbito da educação, que tentam demonstrar os diferentes aspectos implicados na aquisição de saberes; acção essa a que se dá o nome de aprendizagem.

O acto de aprender deve ser entendido como uma acção dinâmica. Quando um sujeito aprende, adquire e produz conhecimento mais ou menos inovador.

Se partimos do sentido etimológico, a palavra educativo significa “*conduzir a partir de*”(Atwater & Riley (1993:662); verificamos assim a interacção com o contexto do meio envolvente.

Aprender é uma construção que envolve toda a actividade do ser humano: biológica, psicológica, social e cultural, nos seus múltiplos aspectos.

Neste sentido, o presente artigo, inscreve-se na preocupação de se analisar, se bem que sucintamente, a pertinência de duas importantes questões, submersas no contexto da aprendizagem:

Porque se aprende?

Para que se aprende?

Na abordagem à primeira questão, surgirá a definição de aprendizagem bem como a referência, inevitável, à motivação que nos move para esta mesma aprendizagem, porquê motivo este processo nos é inédito e em que contexto ocorre.

Na abordagem à segunda questão, chamaremos a atenção para as razões que nos levam a aprender, assim como será colocada em relevo a importância da aprendizagem para a nossa construção/edificação enquanto pessoa. Nesta ordem de ideias, não

* Professor Adjunto da ESEnf - ISPV

** Enfermeiro Especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica - Hospital S. Teotónio S.A.

Equiparado a Assistente do 1º Triénio da ESEnf - ISPV

*** Aluna do 7º Curso de Licenciatura da ESEnf- ISPV

podemos igualmente deixar de falar na acção que a dialéctica aluno-professor exerce neste processo.

2 - PORQUE SE APRENDE?

Etimologicamente, aprender significa “apreender”, “adquirir” conhecimentos.

A Aprendizagem é uma acção dinâmica que se estabelece entre um conhecimento já apreendido e um novo conhecimento a adquirir, que ao passar através de processos conscientes e inconscientes do nosso psiquismo torna possível a criação de um esquema mental que serve de suporte a toda essa actividade.

O dinamismo do acto de aprender, reflecte-se no facto de quando um sujeito aprende, adquire e produz conhecimento mais ou menos inovador.

Apesar de frequentemente se afirmar que o Homem quando nasce é uma tábua rasa ou uma folha de papel em branco e que é com as experiências, que decorrerão ao longo da vida, que se adquire conhecimentos, o certo é que à nascença este já vem dotado de capacidades de iniciativa instintivas ou reflexas. A este propósito, Piaget (1973:69) afirmou que “...uma aprendizagem jamais parte do zero.”

Porém, é a capacidade que o Homem possui de aprender (sempre com todos e em qualquer lugar) que lhe permite a adaptação às condições do ambiente sempre em mudança. É esta interacção mais ou menos estimulante que estabelece com os objectos e com o mundo das coisas, que lhe permitirá aprender, isto é, adquirir e produzir novos saberes, novos métodos que depois poderá transmitir aos outros.

Porque se aprende? é então uma questão que nos intriga e que não possui resposta mas sim respostas, dependendo do contexto em que forem analisadas.

Por exemplo, para haver sucesso ou desempenho com qualidade é necessário que ao longo da vida a aprendizagem se imponha. Isso é assim na actualidade como o foi no tempo da evolução das espécies em que o Homem para se adaptar ao meio, levou a cabo, passo a passo, o processo de aprendizagem de modo a garantir a sua sobrevivência, e perante um habitat desconhecido, aprendeu a socorrer-se de actividades físicas e mentais, que foram progressivamente melhoradas e transmitidas de geração em geração.

Ao perguntarmos: *porque se aprende?*, estamos interessados em encontrar respostas para questões mais técnicas, como sejam: ? Será o conceito de motivação necessário para a compreensão (e intervenção) da aprendizagem e do sucesso escolar? Porque é que há alunos que têm maior disponibilidade para o saber do que outros? Isto é, porque é que existem desigualdades para a aprendizagem? Expressando-nos de outra forma, porque é que existem diferenças na motivação para a aprendizagem e, consequentemente, para o sucesso escolar?

E havendo alguma relação entre aprendizagem e motivação, será a motivação antecedente ao processo de aprendizagem, ou resultará como consequência desta?

Ou ainda, partilhando a opinião de Santos (1997), não será que a desmotivação para a aprendizagem constitui só por si um índice mais que fundamental do insucesso escolar, não havendo que lhe atribuir um estatuto de isolamento epistemológico relativamente a esta questão?

É que, em nossa opinião, a questão da motivação para a aprendizagem abordada enquanto dimensão causal só faz sentido se entendermos a aprendizagem como realidade meramente quantitativa, no domínio do fazer ou da aquisição de informação puramente cognitiva. Explicitando esta ideia, diríamos que algumas crianças e jovens, ou pelas suas excepcionais características cognitivas ou pela sua estrutura de personalidade (obsessiva/compulsiva...) são excelentes actores em termos de desempenho, aprendizagem e sucesso escolar. Mas muitos deles não possuem a menor motivação para essas realidades; são mesmo, alguns, diríamos, infelizes. Com essas crianças e jovens, porque aprendem, porquê têm sucesso, não se coloca habitualmente a questão da motivação para a aprendizagem.

Mas de que aprendizagem estamos a falar? Da aprendizagem para o desempenho? E aprender a *SER* não é também tarefa que deva preocupar os professores, os educadores? Bastará conhecer as letras, aprender a somar e a dividir, discutir os Lusíadas, analisar o Pavlov...? *Não será também necessário aprender a gostar de aprender, por muito bem que se aprenda?*

Pensamos, pois, que motivação e aprendizagem são faces da mesma moeda, e que não podem, como afirma Santos (1997), ser separadas esquizoidemente.

Porque se aprende é portanto uma questão de elevado grau de complexidade e se tentarmos responder com base na noção da motivação, concluiremos que a motivação poderá ser para a aprendizagem mais um problema do que uma tentativa de resposta. Em todo o caso, teremos que falar sempre dela para podermos compreender o processo de aprendizagem, uma vez que o seu "lado negativo", isto é, a desmotivação, é a principal causa do fraco rendimento escolar, do abandono escolar e de consequências a nível emocional dos jovens e famílias.

O Ser aluno e o Ser do aluno são no conjunto uma realidade psicossociológica que tem que ser entendida na sua globalidade, como resultado da interacção com a família, escola e grupo social.

Se a desmotivação for encarada como um efeito e não uma causa, devemos então procurar as causas para além do contexto psicológico do aluno, mas na interacção entre o Ser aluno e a cultura escolar.

Mais do que incentivar terapias personalizadas de ordem psico-afectiva nos alunos ditos desmotivados, devemos repensar a escola como um todo.

Neste contexto, é bom que se interiorize que em sala de aulas, os alunos agem de acordo com os seus objectivos ou motivações, e que segundo Lemos (1997) são:

- **Prazer** - A acção é motivada por aspectos lúdicos, hedonistas, de fantasia;
- **Aprendizagem** - A acção é orientada no sentido da aquisição, desenvolvimento, enriquecimento, aperfeiçoamento de conhecimentos e competências;
- **Trabalho** - A acção é orientada no sentido da execução de actividades e tarefas de trabalho;
- **Adequação** - A acção é desenvolvida no sentido do cumprimento das regras e rotinas de suporte ao processo de ensino/aprendizagem;
- **Relacionais** - A acção é orientada no sentido do desenvolvimento das relações aluno/aluno e/ou professor/aluno;
- **Disciplinares** - A acção é orientada no sentido do cumprimento das regras de disciplina;
- **Avaliação** - A acção é orientada no sentido de avaliação de conhecimentos, competências, actividades, tarefas e seus resultados.

Contudo, e apesar de ser notório o facto de a aprendizagem se fazer maioritariamente fora da sala de aulas há uma questão curiosa que agora se poderá colocar: *Quem surgiu primeiro, o aluno ou o professor?*

Por forma a encontrarmos a resposta mais adequada a esta questão, devemos primeiramente pensar o que significa ser “*aluno*” e “*professor*”. Se partirmos da premissa de que para ensinar alguma coisa, antes há necessidade de aprender, então o aluno está no início de tudo. Nascermos alunos, crescemos alunos e morremos alunos. Contudo, se o “*aluno-essencial*” aprende, alguém ou alguma coisa o ensina. Considerando que a Vida pode ser personificada como sendo a Natureza; esta sim, é a primeira mestra de todos nós.

A Vida nasceu primeiro, portanto o professor foi o primeiro a surgir. Mas se esta abstracção não for aceite, considerando que só “*contam*” como alunos e professores, os seres humanos, então somos mesmo alunos e professores. Se a vida nos ensina tudo, e quem vivemos somos nós, então somos nós nossos próprios professores. Mesmo sem saber, o primeiro aluno carrega consigo o primeiro professor. Diríamos que nascem juntos.

Esta constatação, leva-nos a que a maior parte das vezes, se olhe para a condição de ser aluno como se olha para um objecto do mundo natural, como se ele tivesse

uma existência real, concreta, no entanto a aprendizagem ocorre em vários contextos. Contextos esses a que se dá o nome de educativos porque se tratam de ambientes que potenciam o sujeito a desenvolver-se em todas as dimensões da sua personalidade (biológica, psicológica, social e cultural), que se cobrem de uma enorme importância e que se interligam formando um todo e embora seja possível analisá-los separadamente, não podemos perder a ideia de conjunto. A saber (Tavares,1992):

Contexto físico/biológico - A aprendizagem ou a acção de aprender ocorre dentro de um ambiente físico e biológico mais ou menos saudável, e são as suas características (qualidade dos espaços e sua distribuição, do ar que se respira, da água que se bebe, dos ritmos e dinâmicas que se seleccionam ou impõem...) que interferem com o maior ou menor sucesso das aprendizagens;

Contexto psicossocial - Está intimamente relacionado com o campo afectivo, em que as relações intra e interpessoais se revestem de especial relevo. Não há dúvida que, actualmente, se dá cada vez mais importância a esta rede de relações humanas que pressupõem uma dinâmica ao nível intrapessoal e interpessoal ajustada e harmoniosa, a que os processos de ensino/aprendizagem, de formação e de educação não podem ficar alheios;

Contexto axiocultural - Este contexto tem a ver, directamente, com os valores e estes constituem os ingredientes essenciais das culturas no decorrer das diferentes civilizações e conseqüentemente das trans ou multiculturas. O conceito de valor é um conceito vertical e transversal e está presente em toda a acção humana, social ou cultural.

Contexto linguístico/comunicativo - O Homem é um ser comunicante e como tal é o resultado das suas falas, da sua inteligência e vontade.

3 - PARA QUE SE APRENDE?

Como foi mencionado anteriormente, aprendemos para nos podermos adaptar e responder melhor aos problemas que surgem no dia a dia.

Devemos ter consciência do carácter provisório do conhecimento, o saber diferenciar entre opiniões e evidências. A análise e organização da informação, entre tantos outros factores, contribuem de forma significativa para a modificação da visão pessoal do mundo.

Actividades que refinem a capacidade de observação e de formular perguntas, que orientem o trabalho com os dados, a interpretação precedida da análise da informa-

ção, a leitura crítica das mensagens do mundo, são algumas de tantas alternativas disponíveis.

Ao aprendermos adquirimos a capacidade de controlar e interpretar a realidade e desta forma não nos limitamos apenas a reflecti-la ou a reproduzi-la, como também a categorizamos e ordenamos.

No entanto, também sabemos que aprender não é tarefa fácil. Em vários momentos da nossa vida já tivemos dificuldades em aprender algo, em adquirir competências que gostaríamos de ter, em reter informação que achamos necessária. Temos consciência de que não aprendemos como gostaríamos de aprender, mas não temos consciência dos processos que nos permitiriam otimizar a nossa aprendizagem.

A nível social, as transformações são constantes. A crescente influência da cultura anglo-saxónica, nomeadamente a norte americana que valoriza o individualismo, o espírito de competição, transforma o indivíduo num ser que busca o máximo lucro com o mínimo investimento e no mínimo de tempo, sem a componente social e sentido de solidariedade característica da cultura portuguesa.

Uma coisa é certa, aprendemos sempre, até à morte, modificando sempre o nosso comportamento e não nos fossilizamos naquilo que julgamos estar certo. Caminhamos sempre no sentido da auto-edificação enquanto pessoa, isto porque somos algo não feito mas em construção.

Como afirmava Leonardo Coimbra (*cit. in* Patrício,1997:133) “*O Homem não é uma inutilidade do mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer*”, mundo esse que é o seu próprio eu, ou seja, o Homem é obreiro de si próprio, auto-constrói-se e auto-edifica-se em todas as dimensões.

Porém, é importante reter que a edificação da pessoa do aluno, não é apenas uma auto-edificação, pois neste processo intervém também a acção do mestre, do professor que ao longo do tempo construirá a sua prática educativa, fazendo parte das suas representações, a noção de “*ser*” al uno.

4 - CONCLUSÃO

A condição de “Ser Aluno” acompanha-nos desde o nascimento ao longo de toda a vida.

Aprender é uma capacidade inata que nos permite desenvolver em todos os sentidos, de forma a nos auto-construirmos e nos adaptarmos aos diferentes obstáculos que se atravessam no nosso caminho.

Embora longe vá o tempo em que o aluno, na escola, era encarado estaticamente, desenraizado do seu meio, um pouco na visão da entrega do mesmo ao professor

ou à instituição, continua-se a encará-lo na escola como colocado num centro de ensino e aprendizagem por excelência, que pela excelência, se encontra distanciado do exterior.

Mais do que ver muita coisa no conteúdo da aula e sua cópia, deve aprofundar-se um tema, ensaiar deduções, usar criatividade, argumentar, pesquisar. Por vezes as escolas transformam-se em locais onde o aluno interioriza conteúdos, junta no seu psíquico um aglomerado de informações, aprende pedaços de conhecimento, mas não os interliga, sistematiza, questiona porque não se sente motivado a fazê-lo.

O caminho para uma aprendizagem mais eficaz, faz-se através do conhecimento:

- de si mesmo;
- da sua capacidade de aprender;
- do processo que se utilizou com sucesso no passado;
- do interesse e conhecimento do assunto que está a querer aprender.

A pessoa do aluno não é algo de “feito”, mas algo em acção de se fazer.

A pessoa é pois a sua própria obra, todavia como o Homem é um ser social, é impensável não atribuir um valor significativo à influência solidária da pessoa do outro, seja colega, professor ou outro profissional.

Como afirma Atlan (1978) ou Leontjev (1981), aprender é criar, só podendo a criatividade desenvolver-se numa cultura viva.

Assim seja a Escola a bem do “Ser Aluno”.

BIBLIOGRAFIA

ATLAN, H. - O princípio de ordem a partir do ruído, aprendizado não dirigido e o sonho. In E. Morin [et al.] - *A unidade do Homem, invariantes biológicas e universais culturais* (Trad.). São Paulo : Cultrix, 1978.

ATWATER, M.M. ; RILEY, J.P. - Multicultural science education : Perspectives, definitions and research agenda. *Science Education*. Vol. 77 (1993), p. 661-668.

CARDOSO, A. - Como e porquê se aprende. *Dirigir*. Lisboa : Adelino Palma. ISSN 0871-7354. Nº 69 (Set./Out. 2000), p. 48-53.

ESTRELA, M. T. - *A relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto : Porto Editora, 1992.

LEMOS, M.A. - *A motivação em sala de aula : objectivos dos alunos e dos Professores*. Évora : Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação, 1997.

LEONTJEV , A.N. - The problem of Activity in psychology. In J.V. Wersch (Ed.) - *The concept of activity in Soviet Psychology*. New York : M.E. Sharpe, 1981.

MOLLO, S. - *A escola na sociedade*. Lisboa : Edições 70, 1979.

PATRÍCIO, M.F. - *A edificação da pessoa do aluno*. Évora : Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação, 1997.

POSTIC, M. - *A relação pedagógica*. Coimbra : Coimbra Editora, 1984.

SANTOS, E.J.R. - *Porque se aprende?* Évora : Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação, 1997.

TAVARES, J. ; ALARCÃO, I. - *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra : Almedina, 1985.

